

COMUNICAÇÃO POPULAR DOS ÍNDIOS PATAXÓS DO EXTREMO SUL
DA BAHIA ATRAVÉS DA CONDUÇÃO DE VISITANTES NO PARQUE NACIONAL
DO MONTE PASCOAL.

Carlos Alfredo Ferraz de Oliveira¹

Odilon Pinto de Mesquita Filho²

RESUMO

Na aldeia do Pé do Monte, localizada na portaria do Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP), no extremo sul da Bahia, vivem índios que atuam como condutores indígenas do parque com a função de guiar e informar os visitantes a importância desta área natural e suas relações histórico-culturais com esta. Este trabalho tem o objetivo de descrever brevemente o histórico sócio-cultural da etnia Pataxó no extremo sul da Bahia e identificar as formas de comunicação dos condutores indígenas do PNMP, podendo verificar se durante a função de condutor, estes indígenas expressam as lutas sociais e tradições desta etnia na localidade. A pesquisa foi realizada através de estudo bibliográfico do histórico sócio-cultural dos Pataxós na região, entrevista semi-estruturada com liderança indígena da aldeia do Pé do Monte e observação não participante dos trabalhos dos condutores indígenas. Ao final da pesquisa foi possível identificar as formas de comunicação utilizadas pelos condutores indígenas com os visitantes do PNMP, verificando o ecoturismo étnico como meio de oportunizar a expressão de antigas e novas tradições Pataxó ao visitante.

Palavras chaves: Comunicação popular, ecoturismo étnico, condutores indígenas, etnia Pataxó.

¹ Mestrando em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² Professor Doutor da disciplina Comunicação e Marketing Turístico do Mestrado Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

1. INTRODUÇÃO

O Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP) é uma unidade de conservação³(UC) federal de proteção integral, aberta para visitação, localizada no município de Porto Seguro⁴. As atividades de visitação realizadas no PNMP envolvem trilhas interpretativas e de subida ao Monte Pascoal, Centro de Visitantes, observação e vivência das manifestações culturais indígenas Pataxós que situa-se na aldeia do Pé do Monte.

A aldeia do Pé do Monte fica localizada no portão de entrada do PNMP, faz jus ao seu nome, pois situa-se ao pé do Monte Pascoal, nome dado ao cume da formação geológica local, que simboliza, no imaginário brasileiro, o marco da chegada dos portugueses no Brasil. A aldeia conta com cerca de 20 famílias, que tem como um dos ofícios diários, a operacionalização das atividades de visitação no PNMP. A visitação nesta área é gerida em um processo de gestão compartilhada, através do Grupo de Trabalho de Ecoturismo (GTE), constituído por representantes da liderança indígena Pataxó, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Este GTE tem como objetivos a serem conquistados através das atividades de visitação do PNMP: o desenvolvimento do ecoturismo⁵, o esclarecimento e sensibilização do visitante sobre a importância social, ambiental e cultural da área, a geração e distribuição de renda aos Pataxós, o fortalecimento sociocultural da comunidade indígena Pataxó da aldeia do Pé do Monte (OLIVEIRA, 2008).

Toda visitação realizada no interior do PNMP é acompanhada por um ou mais condutores indígenas Pataxós da aldeia do Pé do Monte, desde as primeiras informações ao visitante na portaria à interpretação ambiental das trilhas, monumentos e manifestações culturais observadas e vivenciadas.

³ Espaço territorial junto aos seus recursos ambientais, com objetivos de conservação, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (BRASIL, Lei N° 9.985, 2006).

⁴Município turístico, localizado no extremo sul da Bahia, que faz parte do Pólo Turístico do Descobrimento, área prioritária para o desenvolvimento do Turismo no Brasil (PRODETUR NE II , 2002).

⁵ Segmento turístico realizado em patrimônios naturais e culturais, que incentiva sua conservação e a formação de uma consciência ambientalista, promove o bem-estar das populações envolvidas (BRASIL, 1994).

Os condutores indígenas Pataxós desta localidade trabalham a interpretação ambiental expressando o seu contexto sociocultural, relacionado ao patrimônio natural da UC. Esta expressão é feita através da comunicação popular desta comunidade, compreendida como as manifestações culturais tradicionais Pataxó, associadas às suas resistências sociais e populares (PERUZZO, 1995).

A história dos índios Pataxós no extremo sul da Bahia é uma trajetória de lutas por território, abusos e descasos das autoridades governamentais, violência física e sociocultural, repressão e esquecimento cultural, atrações turísticas, resgate cultural e criação de elementos culturais tradicionais (GRUNEWALD, 2001; SAMPAIO, 2000).

Este trabalho visa descrever brevemente o histórico sociocultural da aldeia do Pé do Monte e identificar as formas de comunicação popular, utilizada pelos condutores indígenas Pataxós desta aldeia durante a visitação do PNMP, para apresentar aos visitantes sua história étnica nesta região do Brasil.

2. MATEIRIAIS E MÉTODOS

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o histórico da aldeia do Pé do Monte. Junto a este levantamento foi feita uma entrevista “semi-estruturada” (JONES, 1993) com o cacique da aldeia, com a finalidade de verificar e complementar os dados levantados.

Para identificar a comunicação popular utilizada pelos condutores indígenas do PNMP, durante a visitação na área, foi necessário formatar um roteiro de observação que focasse os seguintes pontos: pontos de interpretação ambiental utilizados; formas de manifestação cultural tradicional nestes pontos: verbal, dança, música, artesanato, roupa, petrechos utilitários, objetos gerais; mensagem da manifestação.

A técnica de observação utilizada foi observação não-participante (STACEY, 1977; JONES, 1993) que tem a finalidade de coletar os dados necessários, evitando ao máximo se envolver na vida dos atores durante a pesquisa e, ao mesmo tempo, estar próximo do cotidiano de trabalho do condutor.

Durante a pesquisa os fatos observados foram registrados em gravador de voz digital o que facilita a identificação dos ocorridos.

A observação não-participante foi aplicada nos seguintes atrativos e locais do PNMP: trilha da subida do Monte, Monumento da Resistência, artesanato Pataxó e apresentação do Awê. Sendo estes os indicados pelos condutores indígenas como os principais e mais visitados.

Ao final foi feita uma relação do histórico da aldeia do pé do monte, levantada com o conteúdo e formas da comunicação utilizadas pelo condutor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Pataxó e manifestações étnico-culturais no turismo.

De acordo com Grunewald (2001) e Sampaio (2000), a implantação, em 1961, do PNMP expropriou toda uma população indígena da etnia Pataxó de seu território, no extremo sul da Bahia. Este fato apenas fortaleceu outros históricos de violência e descaso com esses indígenas, como “fogo de 51” que assassinou e violentou diversos Pataxós, inclusive mulheres, e o contato conflitante com os portugueses séculos atrás.

Durante estes fatos trágicos, os Pataxós conseguiram, timidamente, desenvolver suas tradições, manifestando sua voz social através de expressões como a música, a dança, o artesanato e outros rituais (CARVALHO, 2007).

Através do Turismo, os Pataxós vislumbram uma possibilidade de renda e de divulgação de suas tradições, principalmente através do artesanato, danças e conhecimentos sobre o ambiente natural. Este fato provoca o resgate de antigas tradições e a criação de novas (GRUNEWALD, 2001).

O tipo de turismo desenvolvido e realizado no PNMP pode ser considerado uma mistura do turismo étnico com o ecoturismo, por se tratar de uma UC, podendo ser chamado de ecoturismo étnico. De acordo com Grunewald (2001) o turismo étnico pode ser entendido sob duas perspectivas, uma em que o índio Pataxó é o foco da viagem, e a segunda em que o motivo da viagem, por exemplo, é o Monte Pascoal. Nesse caso, a relação com o condutor indígena acaba se tornando um importante atrativo. No caso da visita ao PNMP, as motivações podem passar pelas duas perspectivas, porém sempre irão observar e/ou vivenciar a etnia Pataxó.

A etnia pode ser entendida como elemento integrante de traços identitários culturais de grupos humanos (GANDINI, 2007). Todas as influências, muitas vezes impostas, que a etnia Pataxó sofreu com certeza resultaram em novas expressões, nas quais o Turismo, como forma de organização sócio-econômica, influenciou e influencia no resgate e na criação de novas tradições que são expressadas nas arenas turísticas (GRUNEWALD, 2001).

Para Handler e Linnekin (1984, p. 279), “tradição é inventada porque é necessariamente reconstruída no presente”. Uma tradição que é praticada a partir de uma manifestação cultural, sempre irá apresentar novas características e significados de acordo com as transformações socioculturais sofridas pelo grupo de quem a pratica (CARVALHO, 2007).

Em uma sociedade global, impulsionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, as expressões culturais sofrem, portanto, interações, modificações - conscientes ou inconscientes - a partir da invenção de novos conceitos, da difusão de conceitos extraídos de outras culturas ou, ainda, a partir de descobertas realizadas pelos próprios integrantes/participantes de determinada manifestação (CARVALHO, 2007, p. 64).

A comunicação popular de uma comunidade, neste caso os indígenas Pataxós da aldeia do Pé do Monte, é feita através de suas manifestações culturais tradicionais (antigas e/ou novas) e de sua luta pela melhoria de condições de existência (PERUZZO, 1995). Nas arenas turísticas, esta comunicação é feita através da interpretação indígena do seu ambiente para os visitantes.

A interpretação ambiental de acordo com a definição de Tilden é a:

Revelação de significados e relações dos fenômenos do ambiente em linguagem entendível às pessoas comuns, pela experiência prática direta e por meios ilustrativos, não se limitando à simples comunicação de informações (apud FONTES, 2003, p. 6).

As manifestações culturais são compreendidas, neste trabalho, como o modo com que a comunidade Pataxó da aldeia do Pé do Monte expressa sua história de vida, crenças, costumes, idéias, anseios e percepções de si próprio e do ambiente em que vive (CARVALHO, 2007).

3.2 Breve histórico da aldeia Pé do Monte

O primeiro documento em que consta a presença indígena no litoral do extremo sul da Bahia é a carta de Pero Vaz de Caminha, narrando as suas impressões para o Rei Dom Manuel de Portugal, ao chegar no Brasil em 1500 (Vaz de Caminha, 1974 -1500).

As primeiras décadas do século XIX, após os colonizadores terem exterminados os índios da etnia Tupi, os Pataxós foram reduzidos a povoações nas imediações das vilas costeiras do extremo sul da Bahia sofrendo repressões militares, através de submissão em trabalhos agrícolas (SAMPAIO, 2000). A repressão militar sobre os Pataxós e outras etnias que residiam na região, como os Maxakali, Botocudo, Kamakã, Tupiniquim de Trancoso e Vila Verde (CARVALHO, 1977), obrigaram estes a se agruparem em uma única aldeia na faixa litorânea o que originou a aldeia de Barra Velha. Provavelmente pela aldeia estar em território Pataxó e por estes estarem em maior número, o nome Pataxó prevaleceu entre as outras etnias presentes. Na época de 1860 até 1950, os habitantes de Barra Velha reconstituíram seu modo de vida (SAMPAIO, 2000).

Em 1951, por razão de um conflito entre policiais e Pataxós, provocados por agentes externos, a população indígena de Barra Velha fugiu para as cidades e fazendas vizinhas. Este acontecimento, que provocou mortes e violências sobre famílias inteiras de Pataxós, é conhecido e vivo em suas memórias até hoje como “fogo de 51”. A dispersão desses indígenas ocasionou a construção de novas aldeias na região (SAMPAIO, 2000).

Em 1961 é criado pelo decreto federal nº242, o Parque Nacional do Monte Pascoal, em uma área 22.500 hectares, ocupando todo o território da aldeia de Barra Velha e outras áreas ocupadas e utilizadas tradicionalmente pelos Pataxós. Após este decreto ocorreram conflitos, em que os indígenas não concordavam em sair do seu território. Durante a década de 60 e 70 o IBDF⁶, órgão na época responsável pelo parque, impedia os Pataxós de plantar suas roças, extrair alimentos como mariscos, caça e frutas. Esta repressão provocou miséria aos Pataxós ocasionando fome e doenças (SAMPAIO, 2000).

Em 1980, a FUNAI e o IBDF, chegaram ao um acordo no qual 8.627 ha do PNMP foram devolvidos para os Pataxós. Este fato minimizou os conflitos e problemas, mas não os resolveu. A maior parte desse território era arenoso e sem qualidade para produção agrícola, enquanto a população Pataxó vinham aumentando. Isso provocava a necessidade de um

⁶ Instituto Brasileiro Defesa Florestal órgão já instinto.

território maior para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (SAMPAIO, 2000).

O tamanho insuficiente do território definido em 1980 levou à dispersão da população originária da Aldeia de Barra Velha para outros lugares, tanto para dentro do próprio PNMP, como para fora dele (CARVALHO, 1999).

Durante esses conflitos, as tradições Pataxós, que já tinham grande influência sobre as outras etnias que constituíam a aldeia de Barra Velha, enfraqueceram e se recriaram. O artesanato sempre foi algo presente na cultura Pataxó. Através dele eram produzidos os utensílios do dia-a-dia. A repressão sobre o extrativismo sofrida durante a implantação do PNMP dificultou a manutenção e o desenvolvimento dessa prática. Com a criação de novas aldeias, a necessidade de renda e a construção da BR 101, os Pataxós, sob influências de turistas e comerciantes, recriaram sua produção artesanal, descobrindo elementos e técnicas novas, relacionando-as com a própria identidade (GRUNEWALD, 2001).

Na década de 90, a FUNAI, reconhecendo as irregularidades da demarcação da terra indígena de Barra Velha, constitui um grupo técnico para revisar os limites do território. Próximo ao período de comemoração dos “500 anos” da chegada dos portugueses, os índios Pataxós, através de um ato organizado por suas lideranças, com o apoio e presença de outras etnias indígenas, retomam a área do PNMP, expulsando o IBAMA⁷, e se instalando na entrada principal da UC. Após esse ato histórico Pataxó, foi feito um acordo de ajuste entre os Ministérios do Meio Ambiente e da Cultura, o IBAMA, a FUNAI e a comunidade indígena Pataxó, promovido pelo Ministério Público Federal. Esse acordo sugere a necessidade de uma gestão compartilhada da UC (ISA, 2004).

Algumas famílias indígenas mantêm-se no entorno da portaria do PNMP e criam a aldeia do Pé do Monte, com o objetivo de conquistar o direito legal do seu território, de cuidar e apresentar os patrimônios naturais e culturais da área e reafirmar a história étnica Pataxó.

Após diminuir os conflitos e estabelecer acordos institucionais entre os Pataxós, a FUNAI e o IBAMA, integrantes da aldeia do Pé do Monte começam organizar a visitação do PNMP, a produção e a venda de artesanato, como geração de renda. A área do Monte Pascoal é reconhecida em todo Brasil como marco histórico e de grande beleza cênica, o que fez sempre atrair visitantes e turistas ao local.

⁷ Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis.

A visitação ao PNMP é uma importante fonte de renda da aldeia, e também um espaço em que os condutores indígenas, conseguem expressar sua história e conhecimentos Pataxós (informação verbal)⁸.

3.3 Formas de comunicação popular Pataxó na visitação do PNMP

Na fala dos condutores indígenas, durante a visitação do PNMP, podem ser identificadas expressões sócio-culturais Pataxós.

A) Monumento da resistência

Nesse ponto da visita, que dá acesso a todas as trilhas do PNMP, o condutor indígena, utilizando vestuário Pataxó, comunica verbalmente a história de luta e sobrevivência de sua etnia na região, iniciando com a chegada dos portugueses até os dias de hoje. Nessa narrativa, é apresentado o Monumento da Resistência como expressão do sentimento de diversas etnias indígenas do Brasil sobre os “500 Anos do Descobrimento”. Afirma-se que, apesar da violência sobre suas culturas, os indígenas conseguiram sobreviver e retomar a área do PNMP, o que simboliza um marco do fortalecimento de sua etnia.

O Monumento da Resistência, construído pelos próprios índios no momento de retomada do PNMP, tem a forma do mapa do Brasil, fazendo uma junção com instrumentos usados pelos índios do Brasil – o maracá e a flecha. O mapa apresenta os nomes de diversas etnias indígenas do Brasil, localizadas em suas correspondentes regiões do país, demonstrando que já ocorreu presença indígena em todo território nacional e muitas delas ainda resistem e se fortalecem.

Os meios de comunicação popular são, neste ponto interpretativo, a arte plástica (monumento da resistência), vestuários tradicionais Pataxós e expressão verbal da história sócio-cultural de uma etnia, envolvendo movimentos de lutas sociais.

⁸ Fornecida, através de entrevista, pelo Osiel Santana Ferreira (Araçáí, Braga), cacique da aldeia do Pé do Monte.

B) Trilha da subida do Monte

A trilha ao cume do Monte Pascoal é o local mais procurado pelos visitantes do PNMP. Nessa trilha, o condutor não está obrigatoriamente utilizando vestuários tradicionais Pataxós. O meio de comunicação utilizado pelos condutores é o verbal, em que são transmitidas informações das relações entre Pataxós com os elementos do ambiente e paisagem natural, utilizando nomes das árvores e às vezes dos fatos em sua própria língua. Quando não é compreendido pelo visitante, o condutor indígena explica o seu significado. Não é abordado o contexto histórico de ser o primeiro monumento avistado pelas embarcações portuguesas como também o início do contato destes com o povo indígena. A mensagem é focada apenas sobre a importância da Mata Atlântica e da vista do Monte sob a ótica do índio Pataxó.

C) Artesanato Pataxó

O artesanato Pataxó, durante a visita ao PNMP, é apresentado com finalidades comerciais e, ao mesmo tempo, como afirmação da identidade étnica. A mensagem identificada no artesanato Pataxó, embora estas peças não sejam necessariamente produzidas na aldeia do Pé do Monte, é de uma mistura entre tradições antigas e novas, utilizando recursos naturais da área na produção de apetrechos domésticos e de decoração. O artesanato Pataxós vem recebendo influências externas diversas e constitui um meio de sobrevivência e de expressão. São produzidos arcos, flechas, gamelas, além de outros.

D) Ritual do Awê

Outra forma de comunicação popular utilizada pelos condutores indígenas Pataxó é a representação do Awê aos visitantes. O Awê é um ritual tradicional dessa etnia. O local para representação do Awê é o Monumento da Resistência.

Para apresentação, todos os condutores participantes estão com vestuários tradicionais Pataxós. O condutor líder inicia dando uma breve explicação sobre a história de sua etnia e o significado do Monumento da Resistência. Explica que os Pataxós consideram o Awê, não como uma dança e música e sim como a celebração da alegria de estar unido, o que resulta na

espiritualidade. O Awê é apresentado durante aproximadamente 20 minutos pelos Pataxós que posteriormente convidam os visitantes a participarem do ritual. Essa representação traz mensagens das características do movimento cultural e político Pataxó, mostrando, durante o ritual, sua língua, música, espiritualidade e dança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliando a história sócio-cultural dos índios Pataxós no litoral do extremo sul da Bahia percebe-se a construção e crescimento de um movimento social indigenista, com o objetivo de reconquistar o seu território. A retomada do PNMP simboliza esse movimento. A comunicação do condutor indígena representa esses fatos, através da narrativa, do artesanato, da arte plástica e do Awê. A narrativa apresenta o ponto de vista indígena sobre a história do Brasil, especialmente de seu “descobrimento”. O artesanato manifesta aspectos do cotidiano da cultura indígena. E finalmente, o ritual do Awê faz o turista experimentar uma vivência cultural pataxó.

Avaliando os resultados da pesquisa identificamos que os condutores indígenas da aldeia do Pé do Monte realizam a comunicação popular expressando suas características e tradições para turistas e/ou visitantes do PNMP. Este fato pode corresponder uma nova afirmação da cultura popular deste povo, que através do ecoturismo étnico encontram formas de comunicar com outros grupos sociais.

De acordo com Renó (2007) os “agentes folkcomunicacionais” são os “líderes de opinião” de uma comunidade, que informam mensagens transmitidas pela mídia influenciando o entendimento de seus liderados. Os condutores indígenas podem ser compreendidos como “agentes folkcomunicacionais” que ao invés de comunicar e influenciar sua comunidade informam e provavelmente influenciam visitantes e turistas sobre a história e cultura do índio Pataxó no extremo sul da Bahia.

O Turismo provocou alterações nos Pataxós da aldeia do Pé do Monte sobre os aspectos culturais, dentre as quais foi a criação de um espaço para invenção e afirmação de suas tradições oportunizando a expressão dos seus velhos e novos símbolos.

6. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto no 4.340, de 22 de agosto de 2002. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. 5. Ed. Aum. Brasília: MMA/SBF, 2006. 56p.
- _____. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. BARROS.M.S; PENHA.L.H.D (coord). Brasília: EMBRATUR e MICT/MMA, 1994.
- CARVALHO, M. R. G. Os Pataxós de Barra Velha: seu subsistema econômico. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1977.
- CARVALHO, F. L. J. Projeto geopolítico e terras indígenas – Dimensões territoriais da política indigenista. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- CARVALHO, S. V. C. B Rocha. “Manifestações Culturais” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) Noções básicas de folkcomunicação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007. p. 64-66.
- FONTES, M. A. L.; VITORINO, M. R. Ecoturismo e interpretações. Lavras: UFLA/FAEPE, 2003.
- GADINI, S. L. “Expressões Étnico-Culturais” In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) Noções básicas de folkcomunicação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 121-123
- GRUNEWALD, R. A. Os índios do Descobrimento: tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2001.
- HANDLER, R; LINNEKIN, J. “Tradition, genuine or spurious”. Journal of American Folklore n° 385, v. 97, 1984, pp. 273-290.

- ISA. "Para Criar um Programa para a Proteção e o Uso Sustentável da Biodiversidade em Terras Indígenas". São Paulo: mimeo, 2004.
- JONES, P. Studying society: sociological theories and research practices. Londres: Collins, 1993.
- OLIVEIRA, C, A. F. Relatório técnico final de ecoturismo no Parque Nacional do Monte Pascoal. Brasília: PNUD/PCE, 2008.
- PERUZZO, Cicília Maria K. Comunicação popular em seus aspectos teóricos. In: PERUZZO, Cicília Maria K. (org). Comunicação e culturas populares. São Paulo: Intercom, 1995, pp. 27-44. 76.
- PRODETUR NE II. 2002. Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – Costa do Descobrimento. Fundação Getúlio Vargas /HVS International /Governo do Estado da Bahia. São Paulo.
- RENÓ, D. P. "agentes de folkcomunicações". In: GADINI, Sérgio Luiz, WOLTOWICZ, Karina Janz (Orgs.) Noções básicas de folkcomunicação. Ponta Grossa (PR): UEPG, 2007, p. 44 - 46.
- SAMPAIO, J. A. L. Breve história da presença indígena no extremo sul baiano e a questão do território Pataxó do Monte Pascoal. In: XXII Reunião brasileira de antropologia. Fórum de pesquisa 3: "Conflitos socioambientais e unidades de conservação", Brasília, 2000.
- STACEY, M. Methods of social research. Oxford: Pergamon, 1977.
- Vaz. C. P. Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o Achamento do Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1974 [1500].